



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007

Lazer e festa popular¹

Marielys Siqueira Bueno²
Universidade Anhembi Morumbi

Resumo

A conquista do tempo livre no mundo do trabalho transcende o direito de descanso e implica a oportunidade do exercício de funções individuais tais como distrair, desenvolver-se etc. Portanto, o tempo livre se inscreve num tempo social que permite a livre expressão do indivíduo na sociedade. O lazer, pela sua extensão e pela infra-estrutura que ele supõe, é um fenômeno social da maior importância. Esse fenômeno vai encorajar a industrialização do lazer e o fortalecimento do turismo. Nesse cenário, as festas comunitárias abrem espaços no interior da sociedade para uma participação ativa e representa uma forma privilegiada de lazer, pois, além do clima de descontração, cria um espaço essencial para fortalecer e nutrir a rede das relações sociais. Representa também um poderoso atrativo turístico que amplia as oportunidades de atração.

Palavras-chave: Lazer; Festa comunitária; Turismo.

Lazer, Festas Comunitárias e Turismo

A realidade do lazer no mundo moderno revelou-se complexa e ambígua, pois além das relações profundas com todos os grandes problemas do trabalho, é preciso considerar que o lazer cada vez mais se insere no universo do mercado.

O lazer pressupõe uma atividade de livre escolha, mas essa liberdade encontra limites nos diversos determinismos sociais, limites esses que serão tanto mais estreitos e opressores quanto maior for a estafa que dificulta o descanso e menor for o salário.

A conquista do tempo livre no mundo do trabalho transcende o direito de descanso e implica a oportunidade do exercício de funções individuais tais como distrair, desenvolver-se etc. Portanto, o tempo livre se inscreve num tempo social que permite a livre expressão do indivíduo na sociedade.

¹ Trabalho apresentado ao GT – Lazer e Entretenimento do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Bernardo Sayão (1969). Doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1988). Diplôme d'Études approf. Em Anthropologie Sociale pela Université Paris V – Sorbonne (1984). Diplôme d'Étude approf. Em cinema Anthropologique pela Université de Paris X, Nanterre (1988) Atualmente é professor titular da Universidade Anhembi Morumbi no Programa de Mestrado em Hospitalidade e Membro de corpo editorial da Revista Hospitalidade. marysbueno@yahoo.com.br



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

O mundo moderno criou o florescimento individual, um espaço para a liberdade e o lazer, mas trouxe, também, uma servidão maior às coerções organizacionais e ainda a perda das antigas solidariedades.

O processo de industrialização tem sido apontado como o motor da urbanização que provocou uma verdadeira ‘mutação cultural’ que, historicamente, fez o homem passar do arcaísmo ao modernismo determinando, também, profundas transformações na esfera das relações principalmente naquelas decorrentes da própria natureza do trabalho.

Nas sociedades industriais o trabalho se orna, progressivamente, parcelado, mecanizado, desvalorizado. As forças econômicas, na busca de ampliação de seus lucros negligenciam alguns aspectos fundamentais das necessidades humanas, de forma que se pode avaliar o grau de isolamento e de desigualdade entre os espaços urbanos. Por outro lado, para o trabalhador urbano, as alterações no modo de trabalho foram acompanhadas de mudanças no número de horas livres – o progresso tecnológico permitiu maior produtividade com maior tempo livre. Ao lado dessa conquista de maior tempo livre e de leis trabalhistas que garantiam o direito a esse tempo, o lazer, em seus vários aspectos, passa a possuir uma dimensão social nova cuja importância não pode ser negligenciada.

O lazer, hoje, não é mais considerado apenas como tempo necessário para a reprodução da força de trabalho. Ele se tornou, pela sua extensão e pela infra-estrutura que ele supõe um fenômeno social da maior importância.

Além disso, o lazer atualmente não é mais o privilégio de uma minoria ou de uma classe, mas o conjunto da população reivindica o direito a ele e, mesmo que ainda persistam fortes desigualdades, o direito ao lazer se tornou uma demanda social fundamental.

Esse fenômeno vai encorajar a industrialização do lazer e pode se notar que ele tem sido progressivamente apropriado pela sociedade industrial. Em conseqüência, vem se tornando tanto um tempo disponível quanto um objeto de consumo – de tal forma, que nos espaços urbanos pode se considerar o lazer como sinônimo de consumo.

Se articularmos os diferentes aspectos da condição do trabalho urbano – salário gasto na sobrevivência, jornada de trabalho longa e, algumas vezes intensa e penível, moradia distante, falta de centros recreativos e culturais além do acréscimo de trabalho exigido pelas obrigações de ordem pessoal, o lazer pode se tornar um espaço de fuga. E é por isso que se constata numerosas atitudes de passividade face ao lazer. O lazer ocupado pela televisão nas atividades de lazer é testemunho dessa atitude. A preocupação então se volta para o ‘lazer

anestesiante’, o lazer que esvazia o homem de sua interioridade pelo processo de massificação que teria um efeito tão despersonalisante quanto o trabalho parcelado e automático.

É nesse sentido que Ecléa Bosi (1981) insiste em destacar que o lazer deve ser sempre definido em relação (de posição e oposição) ao trabalho. Não com fato externo, mas como é vivido pelo trabalhador, como é integrado na vida cotidiana e qual é a significação para a sua consciência.

Nelson Carvalho Marcelino (1986, p.48) ao argumentar sobre ao lazer no mundo urbano e os elementos redutores da liberdade de escolha do lazer pelo trabalhador cita Godbey por ser enfático ao afirmar que, contrariamente ao que se afirma, não é a prática do lazer que vem aumentando gradativamente, mas sim, o que ele chama de ‘antilazer’, ou seja, uma atividade compulsiva realizada a partir de estimulação exterior. É o “homem fugindo de si próprio, negando o afrontamento consigo mesmo e como o mundo que o cerca, incapaz de encontros verdadeiros. É o vazio, o nada, o tédio, a alienação”.

Na sociedade atual nada favorece os encontros comunitários. O desenvolvimento capitalista, na opinião de Edgard Morin, acarretou a mercantilização generalizada destruindo numerosos tecidos de convivialidade. Esse desenvolvimento, diz ele, “não somente trouxe o florescimento individual, liberdade e lazer, mas também, uma atomização, consequência das coerções organizacionais especificamente modernas”. (1993, p.23)

Muitos pensadores sociais apontam para essa fragmentação do espaço urbano que compromete a convivialidade e empobrece as relações. Richard Sennet (1994), em seu livro ‘O declínio do homem público’ verifica que à medida que a vida pública e comunitária se torna exangue, anula-se o senso de contato significativo.

Referindo-se à condição atual, Balandier (1980) afirma que o homem de hoje está preso no casulo invisível formado por todas as redes que lhe transmitem à distância, imagens e ruídos do mundo. É preciso, diz ele, encontrar novas terapias capazes de tirar os homens do efeito das fascinações e reensinar a eles governar as imagens e a não suportar que elas sirvam à captura da sua liberdade.

Hoje, quando praticamente todos os espaços estão impregnados pelo espírito da modernidade que se caracteriza especialmente pelo transitório, o efêmero e contingente determinando uma vida linear, direcionada, planejada, torna-se imperativo a constatação de que existem diferentes dimensões na concretude da vida.



Nesse cenário, as festas, no dizer de Balandier (1980) abrem espaços no interior da sociedade e ela não seria apenas um espetáculo onde se joga com a realidade e com o imaginário, mas, igualmente, oferece a possibilidade para uma participação ativa onde se criam momentos para a libertação física e psíquica propiciando a vivência da convivialidade e solidariedade.

Aparentemente o lazer diz respeito especificamente ao indivíduo, uma vez que a maneira como se utiliza o tempo livre depende das preferências de cada um e da possibilidade de escolha no exercício de sua liberdade.

Mas no uso do tempo livre, o lazer não é como aponta Maffesoli (1984), um divertimento de uso privado, mas, fundamentalmente, a consequência e o efeito de toda sociabilidade em ato. A comunhão de emoções ou sensações difundida nesses momentos é, para ele, o que funda a vida social.

A festa é uma verdadeira `recr(e/i)ação` ao contrário de muitas formas de lazer pobres em criatividade, convivialidade e comunhão comunitária. As festas são ocasiões para as pessoas se reunirem e delas saírem fortalecidas. Nelas se instala o clima da descontração, despreocupação. A festa tem a leveza e nela se conecta como ‘o outro’. Na festa a despesa não é utilitária e a sociedade vê nela uma fonte de energia e criação.

Capra, em sua obra *Às conexões ocultas* (2002, s.n.), diz que “a capacidade marcante do nosso planeta é a sua capacidade intrínseca de sustentar a vida” e sinto-me tentada a parafraseá-lo dizendo que a capacidade marcante do Homem é a sua capacidade de sustentar a vida social. Entre os mecanismos alienantes da economia e as limitações opressoras do poder, o Homem reage infiltrando, nos interstícios da sociedade, formas de vivências revitalizadoras para recuperar seu sentido de participação e construção de identidade. Assim, numa convivência solidária, em diferentes modos de ser e viver, os homens criam, imaginam e inventam formas de sustentar o humano no social, a identidade na impessoalidade.

Entre esses mecanismos, um espaço se destaca – a Festa. Particularmente as festas que são manifestações da cultura popular pelo seu grande potencial criativo e de integração. Referindo-se à festa como manifestação cívica e cultural, Octávio Paz (1984) diz que a “sociedade comunga consigo mesma na festa” (p.32) e, graças a ela, o mexicano comunga com seus semelhantes e com os valores que dão sentido à sua existência.

A Festa, em todas as suas diferentes modalidades e seus múltiplos significados e contextos, têm em comum o fato de criar um espaço essencial para fortalecer e nutrir a rede das relações sociais, a parte humana vital da chamada ‘teia da vida’.



A Festa – esses eternos rituais que acompanham o homem em momentos suspensos, extraídos da linearidade do tempo cotidiano – tem muitas modalidades, mas seja qual for a sua forma de expressão, os momentos de lazer proporcionados por elas, tem sempre um caráter participativo e a forma de convivialidade que ela cria reforça e nutre os laços sociais. O tempo vivido na Festa é um tempo extraído do cotidiano porque cria um envolvimento que permite um distanciamento das preocupações, especialmente aquelas decorrentes do trabalho e/ou medo subjacente de perdê-lo.

A complexidade e riqueza da festa têm sido abordadas por vários autores. Rita de Cássia Amaral (1998), em ‘Festa à brasileira’, diz que a festa é, conforme o contexto, capaz de celebrar, ironizar, sacralizar a experiência social e, também, pessoal.. É capaz, ainda, de resolver, pelo menos no plano simbólico, contradições da vida social, apontando assim, para seu poderoso papel de mediador entre as estruturas econômicas, bem como entre as diferenças sociais e culturais, estabelecendo pontes entre grupos e indivíduos, realidades e utopias, além de suas mediações simbólicas entre o sagrado e profano. Ainda segundo Amaral, a festa é capaz de apreender o sentido de cidadania proporcionando um despertar da consciência de grupo, de comunidade. Por essas razões, entre outras, que ela atribui, às festas, uma tríplice importância: *cultural*, por colocar em cena valores, projetos, artes e devoção; como *modelo de ação popular* e como *produto turístico* capaz de revitalizar e revigorar muitas cidades.

É inegável que o fenômeno turístico pode significar a revitalização dessas festas e oferecer condições para a manutenção dessas expressões culturais sempre ameaçadas de esgotamento e extinção face às condições corrosivas da modernidade. É bem conhecido que as festas populares ocupam um lugar importante e de grande visibilidade na cultura brasileira. Pode-se dizer que, a despeito da modernidade, as festas, se multiplicam e ganham notoriedade. Muitas festas populares tradicionais tornaram-se atrações turísticas, exercendo, pela sua organização, uma ação de destaque, podendo alcançar o nível de instituição nacional. Por sua vez, essas festas oferecem ao turista, elementos que o enriquecem na medida em que se contrapõem à homogeneidade cultural da vida moderna, pois que olhar já é participar pela alegria, satisfação que a festa suscita. No entanto, apesar desses aspectos reconhecidamente positivos é preciso considerar a natureza da interação entre visitantes e residentes nessas festas, pois segundo Urry, citado por Luiza Neide M.T. Coriolano (1997), existem muitos determinantes conflitivos entre hospedeiros e hóspedes nas relações sociais através das práticas turísticas.



Daí a necessidade de avaliar as marcas deixadas por esse intercâmbio que cria novos elementos e/ou novas funções nessas práticas sociais.

Vemos, portanto, que a festa é uma realidade social que requer abordagens e interpretações múltiplas e complementares. Entre elas, gostaria de ressaltar o fato de que ela é um espaço privilegiado para a prática do lazer.

A festa supõe, evidentemente, o acolhimento do ‘outro’, uma expansividade coletiva. A alegria e despreocupação que permeia a festa e cuja função primordial é criar e estabelecer relações, seria, o antídoto para a acentuada tendência da modernidade de suprimir os vínculos sociais.

As relações sociais que estão na base dessas manifestações ganham dimensões coletivas e induzem as formas de relacionamento peculiares. Antes de tudo, a preparação da festa ganha proporções coletivas e elaboradas. A cidade ou a comunidade se mobiliza para a preparação da festa e para recepcionar os visitantes. As habilidades individuais ganham relevo e dão aos seus portadores uma visibilidade e uma importância nem sempre presentes na vida cotidiana.

Devemos considerar que, embora a modernização da sociedade tenha se aprofundado e que as diversas modalidades de comunicação tenham padronizado muitos códigos e símbolos através da cultura de massa, é notável perceber que a cultura popular, especialmente através de seus festejos, revela uma extraordinária vitalidade.

Além disso, apesar da mercantilização e espetacularização de muitas dessas festas, elas continuam fazendo, em suas manifestações, uma interpretação dos mitos, lendas e história, através da elaboração da expressão de uma imaginação simbólica que desempenha o seu papel revelador e crítico. Vale lembrar Marilena Chauí (1986) quando aborda a questão da resistência social. Diz ela que entre o código de comportamento previsto pelos padrões de relacionamento e a sua incorporação na prática, temos de contar com a imprevisibilidade da ação e da reação dos atores sociais. Aponta, também, que a comédia, a festa popular poder ser uma crítica corrosiva, irreverente, desrespeitosa de todas as instituições sociais, dos valores e idéias dominantes, sendo, dessa forma, o avesso revelador da realidade.

Dumazedier (1974) afirma que “na sociedade em devir, o lazer aparece, segundo os autores, como uma realidade multipresente ou uma ilusão ‘ideologizada’. É o tempo da mais livre expressão de si ou na pior manipulação ou repressão das pessoas” (p.24).

O sentido e o valor que a festa popular possa oferecer na prática do lazer representa aspectos importantes para a reflexão sobre o papel e a própria função do lazer na vida moderna. O



dinamismo das festas e suas novas configurações representam um grande estímulo para os estudiosos do lazer.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa à brasileira*. Tese apresentada ao departamento de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. São Paulo: 1998.
- BALANDIER, Georges. *Le détour, pouvoir e modernité*. Paris: Fayard, 1980.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CORIOLOANO, Luzia Neide M.T. Da sedução do turismo ao turismo de sedução. In *Turismo, modernidade, globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MARCELINO, Nelson Carvalho. *Lazer e humanização*. Campinas: Papirus, 1986.
- MORIN, Edgard & BAUDRILLARD, Jean & MAFFESOLI, Michel. *A decadência do futuro e a construção do presente*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.
- PAZ, Octávio. *O labirinto da solidão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público*. Rio de Janeiro: Record, 1994.